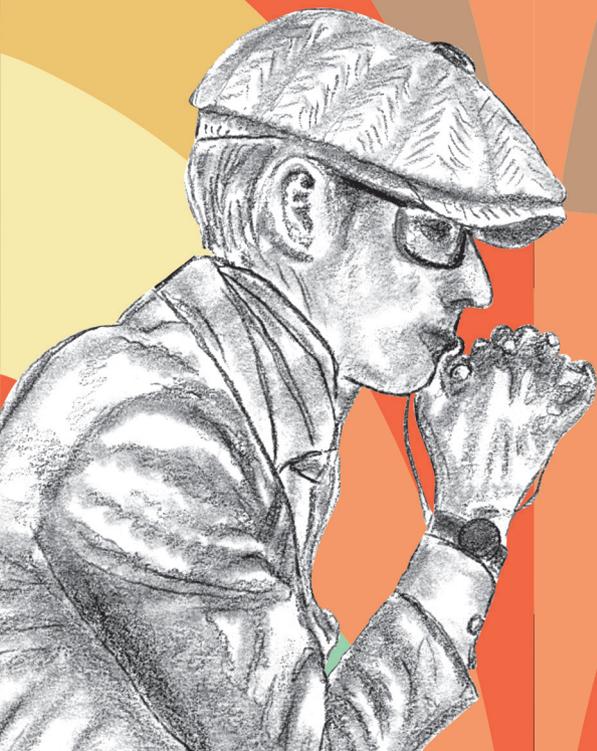


Revivendo **Vidas**

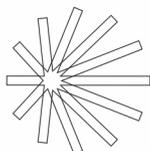
Laé de Souza





Autor - Laé de Souza

Revivendo Vidas



**Lei de
Incentivo
à Cultura**

Lei Rouanet



PROJETO,
**LER É BOM,
EXPERIMENTE!**

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

Revivendo Vidas

Laé de Souza

2024



Copyright © Laé de Souza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Souza, Laé de, 15/03/1952-

Revivendo vidas / Laé de Souza. -- 1. ed. -- São Paulo : Ecoarte, 2023. --
1. ed. -- São Paulo : Ecoarte, 2024.

ISBN 978-65-87609-05-8

1. Romance brasileiro 2. Solidariedade I. Título.

23-174532

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura brasileira B869.3
Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Assessoria e Produção Editorial: *G2R Comunicação*

Capa: *Marcel Guido*

Ilustrações: *Duxtei Vinhas Itavo*

Fotografia: *Antonio Felisberto Martinho*

Prefácio: *Hosaná Dantas*

Copidesque: *Fábio Laé*

Revisão: *Professor João Alvarenga*

Prefácio

Sobre as reminiscências e a busca do valor da vida

A construção de memórias - de boas memórias! - e o seu devido recordar levam-nos a um espaço de significado para a vida. Guardar, ter e rememorar boas lembranças revela o verdadeiro valor de nossa existência. É um exercício a ser feito e refeito.

Neste Revivendo Vidas, nova obra de Laé de Souza, o exercício das reminiscências expande-se para uma trilha impressionante em que o personagem Epaminondas nos conduz, de maneira sensível e iluminada, para caminhos que sequer imaginávamos existirem.

Sob o pretexto de reencontrar amigos que o tempo tratou de esconder, Epaminondas, nos caminhos da elaboração literária de Laé, vai construindo uma teia de situações e de encontros que conecta pessoas e habilidades em prol da construção de um mundo melhor.

Quem conhece esse escritor destemido e cheio de sonhos, sabe que Laé de Souza é assim: cria, por onde passa um doce emaranhado de conexões impressionantes no propósito quixotesco, mas resiliente, de construir esse mundo melhor. Se Epaminondas, por aqui, é ou não um alter ego de Laé de Souza, não importa muito discutir, não é questão maior.

A questão maior é a de que a leitura atenta de Revivendo Vidas, certamente, vai nos trazer ótimas reflexões sobre o quanto estamos fazendo da nossa vida, justificando deixar de fazer algo por causa dessa ou daquela

impossibilidade momentânea ou, pior, pela falta de coragem e determinação em caminhar para as realizações que podem ser alcançadas.

Cada personagem, que nos é apresentada nessa obra, vai nos trazendo pensamentos sobre os caminhos novos que vão se apresentando. E Laé vai construindo, com uma habilidade narrativa fantástica, um itinerário sensível de construção de paisagens positivas de reelaboração da vida.

E é um itinerário constituído dos conceitos mais interessantes que podemos apreender da leitura: vontade, coragem, resiliência e oferta/doação de uma habilidade qualquer. Os resultados são tocantes e ilustrativos da mensagem que talvez possamos abstrair desse livro: “estamos vivos!”.

Podemos, com isso, caminhar para um processo de reviver nossas vidas com o significado que ela merece. De minha parte, após a leitura prazenteira desta obra, só posso agradecer o querido Laé de Souza, não só por essa honra grande a mim concedida de fazer esta abertura, mas também por nos oferecer uma história singela e carregada de luz e energia.

Boa leitura!

Hosaná Dantas, da Coordenadoria de Educação e Cultura da Associação dos Funcionários Públicos do Estado de São Paulo, e responsável pelos conteúdos do Canal O Saber em Pauta.

Capítulo 1

1 - Um café com Jordão

Buscando por alguns amigos, Epaminondas localizou e enviou, pelo Facebook, uma mensagem a um tal Jordão, dizendo que, provavelmente, haviam sido colegas e até amigos na adolescência. Falou-lhe que era o Epaminondas, mas ele não se lembrou. Fez-lhe recordar de algumas passagens e situações que viveram com o grupo de colegas de escolas e que ele, o Epaminondas, era aquele garoto alto, magro e meio desengonçado no caminhar e, por fim, falou-lhe que era chamado de *Frankenstein*, apelido pelo qual, maldosamente, a turma o chamava. Claro que, na época, ele detestava. “Se tivesse falado logo do apelido, eu me lembraria com mais facilidade, pois ninguém, exceto os professores, te chamava por Epaminondas”, disse o Jordão, em uma das últimas mensagens, afirmando – em seguida – que o apelido mencionado convenceu-o de que realmente foram colegas. Ele elogiou a boa memória e o fato do Epaminondas se lembrar, com detalhes, de coisas que estavam distantes no tempo e esquecidas na sua mente.

Confirmado quem eram, enfim, marcaram encontro para um café e conversarem um pouco mais sobre aqueles tempos de adolescentes. Encontraram-se e ocuparam uma mesa mais reservada, para o café e bate-papo. Depois de lembranças de outros colegas e ocorrências da juventude, Epaminondas pediu ao amigo que contasse a sua trajetória e que rumo havia dado a sua vida. Depois de contar um pouco sobre a sua história, Jordão, insistentemente, quis saber, também, sobre o que fez e o que fazia atualmente o

Epaminondas.

- De todos os antigos colegas que venho me encontrando, você é o primeiro que quer, veementemente, saber sobre mim. És muito desconfiado, amigo, já percebi. Mas, tens razão, nos dias em que vivemos, todo cuidado é pouco. – Disse Epaminondas.



2 - Epaminondas e sua trajetória

Em seguida, Epaminondas ajeitou-se na cadeira, mão no queixo, lembrando os últimos tempos; então, como se fosse outro falando, virou-se para o amigo e falou:

- Pois bem, amigo, vou te contar e, também, ouvir quem é o Epaminondas.

Estudou, trabalhou, constituiu família; mas, talvez, o que vale mais a pena contar é sobre o que ele tem feito, nos últimos cinco, dos seus oitenta anos.

Tudo começou quando ele se via a pensar em como estariam vivendo os muitos amigos e pessoas que passaram pela sua vida. Perguntava-se, quais daqueles que lhe confiaram os seus sonhos, conseguiram realizá-los? Com isso em seus pensamentos por muitos dias e, como dizia a sua mulher, Gertrudes, “quando uma coisa te vem à cabeça, parece que não sai nunca, Epaminondas”. Como estava desobrigado de trabalho obrigatório, achou que era o momento de fazer de sua vida o que lhe bem aprouvesse, então começou a folhear seus velhos cadernos para lembrar os nomes de antigos colegas.

Para sua surpresa, ali estavam todos, oriundos de uma mania que tinha, no tempo de estudante, ao final de ano, de coletar o nome completo de cada colega e até, um ou outro lhe pedia, e ele fazia uma cópia, manuscrita. Certamente, nenhum deles as tenha, mas as dele eram guardadas como tesouro. Hábito que sempre teve de guardar coisas antigas e lhe serviu para o propósito de sair em busca de colegas do seu tempo de estudante. Por sorte, Epaminondas

pôde contar com os avanços da pós-modernidade para localizar as pessoas que fizeram parte da sua juventude. Assim, vasculhou pela Internet e redes sociais, mandando mensagens para um e para outro e, então, foi reencontrando alguns, marcando encontros, visitando, conversando, como fez com o Jordão.



Capítulo 2

1 - Visitando o Diretor de Teatro

O primeiro que visitou foi o Deoclides. Ele veio transferido de outra escola e entrou na sua, já no terceiro ano do ginásio, e foi para a sua classe. Sentava no fundo e, quando a professora fazia uma pergunta que ele sabia a resposta, levantava-se todo empertigado, impostava a voz e respondia com eloquência tal que todos se viravam para trás. Era aficionado por teatro e encenou várias peças na escola, como “Pluf, o fantasmilha”, de Maria Clara Machado; “A Ditadora”, de Paulo de Magalhães; “Os Quatro Amigos”, de Orlando Batina; “Casa dos Conflitos”, de Laé de Souza; “Pequenos Burgueses”, de Máximo Gorki. Até quando ele encenava na escola, a diretora, dona Marilene, liberava, a cada dia, três classes para assistir à peça no anfiteatro. A turma brincava com ele que muitos iam assistir mais para se livrar das aulas do que por vontade de ver a exibição. Era de gozação, claro, porque era uma boa apresentação teatral dirigida pelo jovem Deoclides.

Pois bem, combinaram o encontro e Epaminondas foi recebido pelo Deoclides em sua casa e, educadamente, a sua esposa preparou um café que foi servido acompanhado de um saboroso bolo de mandioca. Após o café, foram para a sala em que Deoclides esparramou-se em uma poltrona, e pediu licença para fumar seu cachimbo, hábito que disse ter após tomar café e, entre uma baforada e outra, limpava o cachimbo com o seu cachecol, enquanto o anfitrião contava a sua história. Falava do mesmo jeito daquele mocinho do ginásio, pausadamente, com eloquência, mantendo a

postura. Impressionante como conservou todos os traços de quando adolescente, pensava Epaminondas.

Tentou carreira como ator profissional, participou de alguns espetáculos teatrais, fez ponta em alguns filmes, novelas; mas nada de ganhar dinheiro, nem deslanchar na carreira. Assim, pressionado pelo pai, que conseguira a vaga com o gerente, entrou como contínuo no Banco do Brasil e, acostumado com o trabalho, prestou concurso, sendo efetivado. Entretanto, aquela coisa de fazer teatro continuava latente e ele, em paralelo, ensaiava à noite e aos fins de semanas, dirigindo um grupo de teatro amador, que ia aos trancos e barrancos. De vez em quando, punha algum dinheirinho seu na compra de algum acessório para a montagem de suas peças. A sua mulher, dona Aparecida, que ouvia a conversa, deu o seu pitaco: “de vez em quando, não! De vez em sempre, né Deoclides?”, ao que ele, meio sem graça, assentiu.

Por fim, aposentou-se e, foi parando com as atividades teatrais, sendo que, ultimamente, dá-se ao luxo de acordar mais tarde, fazer uma caminhada até a padaria para pegar o pão para o café. No restante da manhã, fica a procurar, na TV, alguma coisa que lhe faça passar o tempo. “O sofá está a necessitar uma reforma de tanto que me ponho aqui a sentar”, disse ele, sarcasticamente. A mulher retrucou: “ficas de papo para o ar porque queres, pois muitas coisas há a fazer, bem sabes, mas não queres me ajudar. Fale logo ao teu amigo que quando não vais à padaria, tu ficas de pijama até o anoitecer”.

Para aliviar a tensão, Epaminondas procurou mudar o foco, perguntando ao amigo como eram realizadas as atividades, quando ele se dedicava ao teatro.

Deoclides disse que escolhia a peça que iria montar de acordo com o número de componentes do grupo no

momento. Oscilava muito, sendo, às vezes, menos ou mais integrantes. Alguns saíam após uma montagem, outros entravam; mas, sempre havia os ‘fiéis’, aqueles que estavam o tempo todo ali, e ele sabia que poderia contar com eles. Epaminondas ia perguntando mais coisas, e Deoclides prosseguia na sua explanação: “Como sempre chegavam novos integrantes, era preciso fazer vários exercícios, primeiro como prática e, segundo, para que ele conseguisse ver quais personagens poderiam interpretar os novatos”. Quase definidos, em sua cabeça, quem interpretaria tal personagem, distribuía a peça aos componentes, para leitura do roteiro, aconselhando que lessem várias vezes, tentando visualizar os personagens, a fim de que estivessem prontos para interpretar qualquer um deles. Em seguida, faziam a leitura conjunta, já escolhido quem leria a fala do personagem e, vez ou outra, fazia uma troca, até que ficasse definido quem faria cada personagem. Depois, começava a fase de leitura, laboratório, conversa sobre o conhecimento de todo o enredo, interpretação, característica de cada personagem, posicionamento no palco, e ensaios. A princípio, ele deixava livre a interpretação, para ver se surgia alguma interessante ou como ele imaginava. Em seguida, ia ajustando e moldando como achava que deveria ser. Era trabalhoso, mas prazeroso, disse ele.

Continuaram aquela agradável conversa, Epaminondas perguntando mais sobre uma coisa e outra, e o amigo explicando, detalhadamente, com entusiasmo e conhecimento impressionantes. Também, pudera, fazia aquilo há tantos anos que parecia estar tudo arquitetado em sua cabeça.

Epaminondas perguntou-lhe se possuía algumas fotos das peças que encenou, e ele fez sinal que esperasse e, enquanto levantava, a dona Aparecida falou galhofando

“juntou a fome com a vontade de comer, você vai enjoar de ver fotos e vai sair daqui bem tarde”. De fato, ela tinha razão. O Deoclides retornou com uma enorme mala e, ao abri-la, viam-se vários envelopes, bem organizados, por datas e com o nome da peça encenada. Ele abria os envelopes, um por um, mostrava ao Epaminondas e explicava a cena fotografada e quem eram os atores, na foto, falando das qualidades de cada um deles. “Pena que, naquele tempo, as fotografias ficavam caras; por isso, não tenho mais”, disse o diretor. Não deu tempo de ver todas as fotos, nem de abrir uma mala menor repleta de recortes de jornais, que Epaminondas prometeu ver em outra ocasião.

Acertou em cheio a dona Aparecida, pois já era início da noite, quando Epaminondas se foi. Despediram-se e ele saiu feliz por ter reencontrado o Deoclides, depois de tanto tempo, e com a promessa de retornar. “A hora que quiser, a casa é sua”, falou-lhe a esposa do amigo.



2 - Visitando escolas

Epaminondas ficou alguns dias a pensar no Deoclides, naquele sofá, em frente à televisão e aquilo o incomodava. Dona Gertrudes, sua mulher, muito observadora, falou-lhe que estava achando-o inquieto e era verdade. Sabe quando se tem uma coisa que não sai da cabeça por mais que se queira? Pois é, assim era o Epaminondas naqueles dias. Perguntava-se o que poderia fazer para ajudar o Deoclides.

Num estalo, veio-lhe à mente que, se foi na escola que o amigo começou fazendo teatro, por que não fazer teatro em alguma escola? Sorte de quem fosse dirigido por um camarada com o potencial do Deoclides. Fácil, fácil de resolver, pensou. Amadurecida a ideia, visitou algumas escolas.

Na primeira, disseram que a diretora estava ocupada e que retornasse outro dia, o que ele fez, por duas vezes, até que presentiu que era enrolação e nunca seria atendido pela diretora. Então, resolveu visitar outra unidade escolar. Em outras três foi atendido, mas não houve interesse. Foi persistente, até que encontrou uma escola em que a diretora achou a ideia interessante. Marcou uma reunião com a presença da professora de Artes, na qual Epaminondas falou sobre as qualidades do Deoclides e que, provavelmente, convenceria o amigo a dirigir um grupo de teatro da escola. A professora de Artes disse que se prontificava a recrutar os alunos interessados em participar do teatro e que apoiaria o Deoclides, no que fosse necessário, para dirigir o grupo. Epaminondas ficou satisfeito e pediu-lhe tempo para falar

com o amigo e, assim que possível, retornaria com ele para uma conversa, trazendo algumas fotos e matérias de jornais das peças sob a direção de Deoclides, o qual detalharia como seria o trabalho dele na escola.



3 - Nova conversa com o Diretor de Teatro

Epaminondas ligou ao Deoclides, dizendo-lhe que estava interessando em ver o restante das fotos e folhear as matérias de jornais sobre as suas apresentações teatrais. Deoclides, embora empolgado com o interesse do amigo, disfarçou, respondendo-lhe que marcariam um dia qualquer para um reencontro. Receoso de escapar a oportunidade na escola, Epaminondas, com jeito, pediu-lhe que marcasse, naquela mesma semana, pois ele estava com viagem marcada e queria ver o amigo antes. Assim, agendaram para o dia seguinte e, no horário combinado, Epaminondas chegou à casa de Deoclides e, após os cumprimentos, dona Aparecida falou que, antes de ver as fotos e conversar com o amigo – pois certamente seria demorado – tomassem um cafezinho “coisa simples, mas de coração”, disse ela. Balela, porque era uma mesa farta com vários tipos de bolos, que a dona Aparecida fez questão de falar como era o preparo.

Após, o café, Deoclides, querendo mostrar logo as fotos, esqueceu-se até do cachimbo que, lembrado pela mulher, pediu-lhe que aguardasse um pouco. Epaminondas olhava as fotos, mas com o pensamento longe, a refletir qual seria o momento adequado para falar ao amigo da visita que ele fizera à escola e o resultado. Decorrido certo tempo, encorajou-se e falou:

- Deoclides, eu tenho uma coisa a te falar que você irá adorar. Tem uma escola interessada em você para dirigir uma peça teatral. Você irá começar o grupo e formar os atores do jeito que você sempre fez. Veja, irá escolher a

peça... – Nem consegui terminar a frase e foi interrompido por dona Aparecida:

- Que ideia mais maluca é essa senhor Epaminondas. O meu marido está no sossego e o senhor vem lhe trazer esse rebuliço na cabeça? O tempo dele já foi. O que fez, fez, o que não fez, não fez e pronto!

- Epaminondas, você me pegou de surpresa. A Cida tem razão, meu tempo já foi. Não tem como. Deixa-me, aqui, no sossego, que está bom – disse Deoclides.

- Ledo engano, amigo. Você me explicou, detalhadamente, como fazia para montar os espetáculos e tudo está muito claro em sua mente. Você consegue, sim – falou Epaminondas, enquanto dona Aparecida balançava a cabeça, indignada com a proposta visionária trazida por um sonhador.

Astuto, Epaminondas percebeu que, antes de convencer o amigo, era preciso persuadir a sua mulher. Então, virou-se para ela, e falou:

- A senhora, dona Aparecida, está firme, ativa, porque não para um minuto, cuidando de uma coisa e de outra. Gosta de cozinhar, cozinha bem, do que sou testemunha, e com prazer, dá-se para notar. Vamos lá! Pelo amor de Deus, ajude-me a convencer o meu amigo a aceitar essa empreitada. Será bom para ele, tenho certeza!

- Senhor Epaminondas, o senhor é jeitoso e pode até ter razão. O que você acha dessa maluquice Deoclides? – questionou ela.

- Acho que não dará certo, já não tenho a mesma disposição, daquele tempo, creio será muito difícil. – respondeu Deoclides.

- Deixa de moleza, homem, tu não estás morto, não! Pode marcar senhor Epaminondas, que ele irá lá, pelo menos para ver a proposta.

Deoclides, diante daquilo tudo acontecendo, acendeu o seu cachimbo e, entre uma baforada e outra, balbuciava:
- Isso é loucura! É sonho ou devaneio e vocês estão juntos.

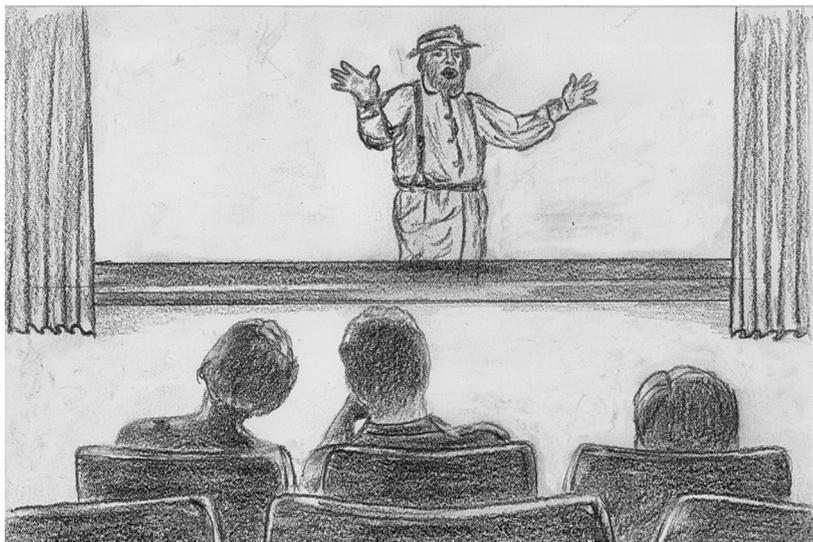


4 - Retornando à escola

Por fim, Deoclides cedeu e ficou acertado que o Epaminondas comunicaria o dia em que iria com ele até

a escola, para conversar com a diretora e a professora de Artes, o que aconteceu na mesma semana.

Na escola, após as apresentações, a diretora sugeriu que, antes da conversa, fossem conhecer o anfiteatro reformado recentemente. Lá, Deoclides esqueceu-se de todos, circulou pelas poltronas, subiu ao palco, onde andou de um lado para o outro, olhando para cima, para o fundo, a fim de examinar o auditório. Depois, impostou a voz e interpretou um pequeno monólogo que, ao final, foi aplaudido pela pequena plateia. Desceu e falou “é uma boa sala, sim”.



Foram para a sala da reunião e, quando o Deoclides retirou da mochila as fotos de suas peças para mostrar, e a diretora falou que iria vê-las mais por curiosidade do que para avaliar a capacidade e talento dele, pois já havia sido demonstrado na brilhante apresentação do monólogo. A professora de Artes concordou e falou que, após a conversa

que tiveram com o Epaminondas, ela iniciou a inscrição dos alunos interessados, e que eram muitos. Porém, os jovens foram avisados que passariam por um teste com o diretor, que faria a seleção dos atores. “Todos nós estamos ansiosos e com grande expectativa de sucesso, senhor Deoclides”, disse ela.

Enquanto olhavam as fotos, ouviram batidas insistentes na porta, e a diretora foi atender. Era um professor que, nervoso, reclamava de como ela trouxera uma pessoa de fora para dirigir um grupo de teatro, na escola, sendo público e notório que ele praticava teatro. Por mais que a diretora procurasse acalmá-lo e falasse que conversariam sobre o assunto depois, o professor, exaltado, dizia não se conformar com tal injustiça.

Deoclides, percebendo a situação constrangedora em que se encontrava a diretora, levantou-se e, embora a professora de Artes tentasse impedir, foi até a porta, e falou:

- Fique tranquilo professor, vou precisar de um bom assistente, cargo para o qual te convido.

- Como é que é? -, disse o professor, mais irritado ainda, aproximando-se de Deoclides. Parou, espantado e, olhando-o de cima a baixo, reconheceu-o e, de braços abertos, exclamou:

- Senhor Deoclides! – dirigindo-se à diretora e à professora de Artes, falou: - Não acredito que vocês trouxeram para a nossa escola o maior diretor de teatro que eu já conheci.

- Você o conhece? – perguntou a diretora ao professor.

- Claro! Este homem dirigiu o meu pai, na época em que ele fazia teatro – respondeu o professor e, virando-se para o Deoclides, falou: - O senhor não deve se lembrar, mas eu, quando pequeno, fui, muitas vezes, com o meu pai aos ensaios no salão da Igreja Cristo Redentor. Meu pai,

que Deus o tenha, fez muitas peças com o senhor, e era seu fã. – Com mãos para cima e olhos para o teto, acrescentou: - Meu Deus, eu não acredito! Será uma grande honra ser o seu assistente de direção. Aceito com o maior prazer e com mil desculpas pelo vexame.

Perguntado pelo Deoclides quem era o seu pai, respondeu-lhe o professor, e Deoclides disse lembrar-se dele e que era um bom ator. Em seguida, manuseou as fotos que trouxera e, em uma delas, lá estava o pai do professor em cena. Enquanto o professor olhava estarecido para a foto, o diretor virou-a e, lá no verso, estavam observações que ele fizera sobre os atores que contracenavam, e leu o que estava, na quarta linha, “Renildo, excelente ator, atuação impecável”. O professor não resistiu. Abraçou o diretor com lágrimas a rolar.

Ânimos apaziguados, o professor saiu e, assim, continuaram a reunião, comentando um pouco sobre o incidente, e a diretora falando para o Deoclides:

- Bem diretor, o senhor já passou no teste, ao ser aceito pelo professor mais cri-cri da escola. Pode iniciar os trabalhos e, agora, com o assistente que o senhor escolheu e boa sorte.



5 - Deoclides chama Epaminondas para uma conversa

Durante um período, Epaminondas ligava e, por telefone, conversava com Deoclides, querendo notícias sobre o teatro na escola. Assim, ficava sabendo de todas as fases e que, selecionados os alunos, depois de vários exercícios, já estavam ensaiando a peça.

Alguns meses passados, Deoclides pediu que o Epaminondas fosse até a sua casa para uma conversa tanto com ele, Deoclides, quanto com a sua esposa, Cida. “O mais rápido que puder”, disse ele, o que deixou Epaminondas preocupado e tratou de marcar o encontro logo para o dia seguinte.

A noite foi longa e o Epaminondas virava de um lado para outro, imaginando mil hipóteses do que fez o amigo solicitar aquele inesperado encontro. Algum contratempo que o impedia de continuar? Contratempo por parte dele ou da escola? Teria se desentendido com o professor assistente? Bem que a diretora havia avisado que o professor era encrenqueiro. O que poderia ter ocorrido?

A sua mulher disse que, com ele virando e desvirando na cama, ela também não conseguia dormir. “Melhor tu dá um jeito de esquecer isso e dormir, porque só amanhã que ficarás sabendo o que houve. Além do mais, amanhã meu dia vai ser cheio de trabalhos e preciso descansar”.

Mas, quem consegue dominar o pensamento? Com muito custo, parou de se virar, para não incomodar a mulher, mas o pensamento continuava a martelar na cabeça. E ficou a pensar que sempre fora assim. Ficava encanado

com um problema qualquer por dias. E lhe veio à mente preocupações anteriores que lhe fizeram perder o sono e, algumas, sem motivo.

Lembrou-se da vez, há muito tempo, quando trabalhava como assistente fiscal de uma empresa em que, em uma sexta-feira, o diretor, já indo embora, falou-lhe que, na segunda-feira, uma hora antes do final do expediente, ele deixasse tudo arrumado em sua mesa e fosse até a sala dele para uma conversa. Não conseguiu trabalhar direito até a hora de ir embora e o final de semana foi terrível. Olhava para os colegas e parecia que eles lhe olhavam com um olhar pesaroso, como se já soubessem que ele estava sendo demitido. Desmarcou até um almoço na casa de uns amigos, pois sabia que não teria cabeça para nada, o que deixou dona Gertrudes nervosa, que passou a questionar se ele tinha aprontado alguma coisa; por isso, temia falar com o diretor. Ele falou que não tinha feito nada, sempre chegava no horário e até antes, ela bem tinha ciência, mas ninguém sabe o que se passa na cabeça das pessoas. “Se perder o emprego, como fica a prestação do carro, o aluguel...”, falou para a mulher que respondeu com a sua tranquilidade que, às vezes, deixava o Epaminondas irritado: “Pra tudo tem um jeito, Epaminondas. Ou pra quase tudo”, insinuou.

No fim, ela tinha razão. A conversa com o diretor da empresa era para uma promoção. Todavia, viveu um clima de ansiedade e se perguntava: por que o chefe não o chamou na hora da reunião, na segunda-feira, fazendo-o sofrer todo o final de semana?

Lembrou-se de quando os filhos começaram cursar a universidade e chegavam tarde da noite, e ele não pregava o olho enquanto não chegavam. Recordou-se que olhava para a mulher dormindo, e tinha inveja daquele sono, mesmo sabendo que era por conta dos medicamentos que

ela tomava; por isso, dormia mais cedo. Perdido em suas reflexões, Epaminondas pensava: “Realmente, ter feito meditação me ajudou muito, pois já não sou como antes”. Porém, sua esposa, dona Gertrudes, pensava diferente (e com razão): “para te curar disso, tens que fazer não só meditação, mas uns duzentos anos de terapia. Tá enraizado e sabe-se lá de onde vem isso”.

Então, marcaram a visita à tarde, o que prolongou o sofrimento de Epaminondas, que se recriminava por não ter insistido com o Deoclides, para que agendassem pela manhã, embora o amigo tivesse dito que, pela manhã, a dona Aparecida não estaria lá. De repente, pode até ser coisa dela mesma, ou seja, de não querer que o marido leve adiante a ideia do teatro... Vai saber. Assim, matutando e olhando a todo o momento no relógio, finalmente, chegou a hora, e lá se foi o Epaminondas para a casa do Deoclides. “Que Deus te proteja”, disse dona Gertrudes, em tom de galhofa, colocando as mãos espalmadas para cima, quando Epaminondas ia saindo.

Como sempre, primeiro, foram para a mesa deliciar um café com um saboroso bolo preparado por dona Aparecida e, parece que, propositalmente, sem pressa alguma, ela os servia. Embora Epaminondas perguntasse, por duas vezes, “e aí, quais as novidades?”, não entravam no assunto do motivo para chamá-lo com urgência e, para não demonstrar preocupação, deixava a conversa caminhar no tempo deles.

Terminado o café, dirigiram-se para a sala, e o Deoclides disse que, antes dele, falaria a sua mulher. Epaminondas pediu licença para se sentar; mas, dona Aparecida falou que não. Que ele esperasse, um pouco, até ela falar o que pretendia, e começou:

- Quero do fundo do meu coração agradecer a

sua generosidade em fazer o que fez conosco. Deoclides voltar ao teatro foi bom para nós dois. Relutei; mas, por fim, achei que um milagre aconteceu e até eu, tenho ido com ele algumas vezes. Não deixei que se sentasse para dar um justo e merecido abraço que, reconheço, é pouco pelo que fez. – Em seguida, abraçou, por um bom tempo, Epaminondas, que não resistiu e deixou as lágrimas caírem, desculpando-se. Epaminondas recordava-se, mais uma vez, que sua mulher já havia chamado à atenção dele para o fato de estar mais emotivo. Todavia, não tomara aquilo como uma recriminação e sim como um alerta. “Mas, como resistir a isso?”, pensava.

- Que desculpas nada, meu amigo, é bom que extravase os sentimentos. Agora, venha aqui, pois sou eu que quero te dar um forte abraço – disse Deoclides, dirigindo-se ao amigo. Em seguida, apanhou, de cima da televisão, e entregou a Epaminondas os convites para a peça.

- Aqui, estão, amigo, e você tem direito a um lugar especial para assistir à estreia. Estamos todos empolgados, e já estou fazendo a escolha da próxima peça que iremos ensaiar.

Perguntado se o professor que era o seu assistente estava lhe dando muito trabalho, Deoclides informou que estava indo muito bem, e que não era tão maluco como diziam, apesar de ser sim, muito exigente. Descobriu, na convivência com o professor – durante os ensaios – que, naquele dia daquela fatídica reunião, fizera, na verdade, uma encenação. Confidenciou que não avisara, antes, a diretora nem a professora de Artes, para que elas não se traissem, deixando escapar que aquilo não era real ou, então, não quissem a ‘teatralização’ dele.

Disse que, ao ser informado que, naquele dia, iria à escola um diretor de teatro para dirigir uma peça com

os alunos, ele resolveu mostrar os seus dotes como ator e, assim, ver como se sairiam do vexame a diretora e a professora. A ideia era desfazer o mal-entendido, na hora; mas, do jeito que a coisa seguiu, ele (o professor) achou, por bem, nada falar, naquele momento, posto que tudo ficara bem, graças à interferência de Deoclides, que o convidou para ser assistente de direção. Real mesmo, disse o professor, foi a surpresa de ver que era ele, o Deoclides, o diretor escolhido, o que realmente desconhecia, e a emoção de ver a foto do falecido pai encenando.

- Foi uma interpretação perfeita e enganou a todos, mesmo – disse Deoclides, com o que Epaminondas concordou.

Epaminondas saiu feliz e, enquanto assoviava até o carro, ia pensando em como seria o encontro com a ex-colega Berenice, marcado para o dia seguinte.

Em casa, Epaminondas contara a sua mulher o acontecido, afirmando que ela tinha razão em alertá-lo para o sofrimento antecipado por coisas que, muitas vezes, não aconteceram. Tivera, sem qualquer motivo, uma noite anterior mal dormida. Então, agora, faria o possível para não ficar pensando no encontro de amanhã, ou seja, não estaria nem aí com o riso zombeteiro da mulher, sinalizando que não acreditava naquilo. “Tu sempre faz tempestade em um copo d’água, Epaminondas, não tens jeito.”



Capítulo 3

1 - Com a pianista

Era manhã, antes das nove horas, quando Epaminondas chegou à casa da ex-colega. Aguardou até que desse, pontualmente, o horário combinado para tocar a campainha.

Foi atendido por Gildo, marido da Berenice, que o cumprimentou:

- Que prazer receber, em minha casa, o inesquecível *Frankenstein*.

Epaminondas fez-se de desentendido e apresentou-se:

- Olá, Gildo, sou o Epaminondas. Marquei para conversar com a Berenice. Ela falou que você estudou, também, na mesma escola que nós, só que em outra turma. Eu não tinha muito contato com alunos de outras classes, portanto, não me recordo de você.

- Não se faça de rogado, meu caro! Você, talvez, não se lembre de mim, mas eu me lembro muito bem de você. Quem, na escola, não conhecia o famoso *Frankenstein* – disse Gildo, a sorrir, acrescentando: - Vamos entrando que a casa é sua.

Não era bem a acolhida que Epaminondas imaginava e, esforçando-se para não demonstrar nervosismo, acompanhou Gildo até uma ampla sala, onde se encontrava um vistoso piano. Conversaram um pouco, até a chegada de Berenice, que o cumprimentou efusivamente, falando: “você não mudou muito, Epaminondas. Cabelos embranquecidos, mas é o mesmo.”

Quando começaram a falar sobre lembranças de acontecimentos de sala de aula e dos professores da época,

Gildo falou que, enquanto abordavam reminiscências que eram desconhecidas por ele, iria pegar um suco.

Retornou, logo depois, com uma jarra de suco de abacaxi que informou serem naturais e do seu quintal. Serviram-se e Berenice contou sobre a sua carreira como professora de música, especificamente de piano e apresentação em recitais. Perguntada se ainda estava a dar aula, ela respondeu que não. Aposentou-se e cuidava da casa, que era grande e lhe tomava muito tempo. Quando parou de dar aulas, no conservatório, teve alguns alunos, em aulas particulares, mas já não se dedicava a isso. Gostava, sim, de ministrar aulas, de tocar piano; porém, já quase não tinha tempo.

Epaminondas pediu que ela tocasse um pouco, pois nunca a tinha visto tocar. Berenice falou que já fazia algum tempo que não tocava e que, na próxima visita, ela tocaria. Gildo, caçoísta, disse que ela não tocava porque o piano, certamente, estava desafinado e o teclado, de tanto tempo parado, cheio de teias de aranha. Berenice resmungou: “nem uma coisa nem outra, seu falador”, e dirigiu-se ao piano. Abriu a tampa e tocou “Asa Branca” sem derrapar em qualquer nota musical. Ao final, Epaminondas aplaudiu de pé e, Gildo, desconcertado, acompanhou o visitante nos aplausos.

Berenice tocou mais um pouco e, depois se sentou na poltrona, afirmando: “é, ainda consigo tocar algumas músicas sem olhar na partitura”.

- E muito bem, diga-se de passagem. Pode encarar um grande público, como você me contou que sempre fez, tranquilamente – completou Epaminondas.

- É, dona Berenice, concordo com o *Frankenstein*, treinando mais um pouquinho, pode voltar aos grandes palcos. – disse Gildo, caindo na risada.

- Sempre me faz bem a música mesmo que para um pequeno público, como agora – respondeu ela, gracejando.

Na despedida, Gildo dirigiu-se ao visitante e falou: “*Frankenstein*, foi um grande prazer a visita, e você pode vir a hora que quiser. Considere como sua, a nossa casa, *Frankenstein*”. Posso chamá-lo, assim, não é? Porque, agora, com esse negócio de *bullying*, todo mundo fica melindrado, diferente do nosso tempo, em que se levava na brincadeira. *Táí*, você, como exemplo, vivo, firme, forte e sem nenhum problema que querem arrumar, não é mesmo?”

- Na verdade, não é bem assim, meu caro Gildo. Trouxe-me problemas, sim, e até hoje tenho que ter ajuda para superar as marcas deixadas pelo que era *bullying*, sim! Brincadeira, para quem fazia, mas não para quem era a vítima. Mas, tudo bem, como você disse, outros tempos. – respondeu Epaminondas.

- Opa! Sendo assim, prezado, *Frankenstein* morreu aqui e agora! Daqui pra frente, é E-pa-mi-non-das e ponto final! – falou Gildo.



2 - Visitando casa de repouso

Em casa, Epaminondas pôs-se a refletir sobre os acontecimentos. Berenice, com grande habilidade, com um piano ali, sem ânimo para tocar, desculpando-se, certamente, ‘no muita coisa a fazer’. Veio-lhe, também, na mente, o tal Gildo, trazendo-lhe à memória o adormecido *Frankenstein*. Quantas e quantas vezes, ao se olhar no espelho, o que evitava e, como hoje mesmo aconteceu, via refletida a imagem de um entristecido *Frankenstein*. Era uma ferida que ele supunha ter sido cicatrizada; mas, infelizmente, basta uma pequena mexidinha, lá, ela surge, latente, a incomodar.

Foi com isso, na mente, que a noite, rolando na cama, veio-lhe à lembrança de que, em uma casa de repouso, em visitas a uma tia, que lá estava hospedada, havia um piano. Quem sabe, conseguiria que a amiga fosse lá tocar em alguns dias. Com isso na cabeça, foi-se a noite de sono.

No dia seguinte, acordou bem cedo, preparou o café, e não via a hora da Gertrudes chegar à mesa para a refeição, e lhe falar sobre os planos.

Após o café, falar com a mulher, sem dar tempo a questionamentos, disse-lhe que iria até a casa de repouso. Lá, atendido pela assistente social, falou-lhe sobre a possibilidade de Berenice tocar, uma vez por semana, para os idosos. A assistente mostrou o piano, que ali se encontrava, há vários anos, mas duvidava que estivesse em condições de uso. “Interessante, mas não sei se este piano funciona. Desde que entrei aqui, nunca o vi sendo

utilizado”, disse ela.

Ficou acertado que, pela assistente social, estava tudo bem. Da parte dele, conversaria com a Berenice para ver se ela aceitaria.



3 - Conversa com a pianista

Epaminondas retornou à casa da Berenice, falando-lhe da ousadia de ter a iniciativa de oferecer o seu trabalho, gratuitamente, para os idosos. “Certamente, será uma grande alegria para eles ter uma música ao vivo, no piano, uma vez por semana”, disse ele.

Berenice, a princípio, alegou falta de tempo; mas, diante de várias argumentações e insistência de Epaminondas, começava a viabilizar a ideia. Seria uma maneira de voltar a praticar música e um incentivo ao retorno dos seus treinos diários, mesmo que por períodos curtos de atividades, pensou ela. Apenas que aguardassem um pouco, até que o Gildo, que estava colhendo algumas frutas, no quintal, para que o Epaminondas levasse para a sua casa, chegasse e opinasse sobre o assunto e, eventualmente, marcassem o dia de ir até a Casa de Repouso.

Gildo entrou com um saco repleto de frutas que disse que deixaria perto da porta, para que Epaminondas não se esquecesse de levá-lo. Cumprimentou-o, e Berenice informou-lhe da proposta do amigo. Mais do que isso, estava propensa a aceitar o desafio, pelo menos, experimentalmente, questionando-o: “o que você acha da ideia?” Gildo, ao ouvir a mulher, levantou-se e começou a falar:

- Ideia estapafúrdia! Com tantas coisas que você tem a fazer e, ainda, o *Frankenstein*, desculpe-me, Epaminondas, me vem com essa? Eu sou contra, totalmente contra.

Você se aposentou para ficar na tranquilidade e, agora, inventa história? Já reclama que não sobra tempo pra nada. Esqueceu-se disso?

Berenice argumentou que, no tempo, ela daria um jeito. É como se fosse um momento de descanso e relaxamento para ela, e que não custava tentar. Se não desse certo, pararia. Que não era muito longe da casa deles e que ele, Gildo, poderia levá-la e marcariam a hora para buscá-la. Além do mais, seria somente uma vez por semana.

- Nem por sonho! Não vou sair daqui para levá-la de jeito nenhum. Pode tirar isso da cabeça – esbravejou Gildo.

Epaminondas, estarrecido diante das circunstâncias, entrou em defesa de Berenice:

- O que é isso, meu amigo? Em nossas poucas conversas, você me falou que apregoava fazer o bem, ajudar e, agora, recusa-se a auxiliar quem te é mais próximo. Recusa-se a dar apoio a tua mulher? Que coração duro é esse?

- Que ousadia! Estávamos no sossego, e você vem colocar minhocas na cabeça de minha mulher? Que atrevimento! – Rebateu Gildo.

De nada adiantou Berenice tentar apaziguar os ânimos. Epaminondas dirigiu-se a porta, e não quis nem saber de apanhar o saco de frutas que Berenice, insistentemente, pedia que ele levasse.

4 - Arrependimento

Epaminondas chegou a sua casa, cabisbaixo, arrasado com o acontecido, e se deprimia ainda mais, ao narrar os fatos para Gertrudes, e receber dela não conforto, mas um “bem feito, quem mandou se meter na vida dos outros? Essa, com certeza, vai ser outra noite que tu levantas, toma água, vai ao banheiro, deita-se, levanta-se e, assim, vai até o amanhecer”

- Eu não deveria ter falado para ele o que falei. Acho que a raiva aflorou por conta de ter me vindo à mente ele, com aquele sorriso maroto, chamando-me de *Frankenstein*. Foi uma fraqueza minha, confesso Gertrudes. Eu estraguei tudo por conta de não ter me contido.

Como previsto pela Gertrudes, a noite do Epaminondas foi terrível e, ao se queixar, a mulher com um “não falei”, sugeriu que ele marcasse hora, durante o dia, para aqueles pensamentos ruminantes. “Quando vierem, fale para esses pensamentos que te atormentam: o horário de vocês é amanhã, das 9h às 10h, nem adianta que não vou ficar a pensar nisso. E, quando for o outro dia, no horário estipulado, que fiquem a digladiar, sem resultado algum, bem sabes”, disse Gertrudes, zombeteira.

Alguns dias se passaram e, ao atender o interfone, Gertrudes pediu que aguardasse, e disse para o Epaminondas que se encontrava, na porta, o tal de Gildo, querendo falar com ele. Surpreso com a visita inesperada, Epaminondas atendeu o visitante, que trazia um saco cheio de frutas carregado às costas. Gentilmente, Epaminondas, pediu



que ele entrasse, apontou-lhe uma poltrona e também se sentou.

Gildo colocou sobre uma mesa o saco com frutas

e disse que ali estavam as frutas que ele, Epaminondas, esquecera-se de trazer na rápida saída de sua casa. Gertrudes ainda pensou em falar “rápida saída, não, enxotada é melhor dizer”, mas segurou a língua, para ver aonde chegaria aquela conversa e a finalidade da tal visita. Vontade de dizer umas boas, bem que ela tinha; todavia, achou por bem deixar passar.

Gildo pediu desculpas pelo ocorrido, e mostrou-se arrependido pela atitude grosseira com quem estava querendo ajudar. Pensara melhor, nesses dias, e concordara com a disposição de Berenice em aceitar a proposta de tocar piano para os idosos. Então, que agendasse para que fossem conversar com a responsável pela Casa. Ele acompanharia a esposa até lá.

5 - Tocando na Casa de Repouso

Combinaram ir à Casa de Repouso e Berenice, após acertar detalhes de dia e horário para as execuções, foi ver a situação do piano. Precisava de uma limpeza e afinação, em razão de pequeno empenamento das madeiras de sustentação, coisa que ela mesma faria, pois estava acostumada com a prática de afinação, pois sempre fazia nos pianos dela e do conservatório. Ajustes que fez na semana seguinte.

No que a diretora da casa de repouso denominou de “Quarta Musical”, fez-se a estreia com a presença dos internos e parentes convidados para uma brilhante festa musical. Epaminondas e Gertrudes, convidados, claro, lá estavam, e o Gildo fez questão de sentar-se ao lado deles, agradecendo mais uma vez. Ao afastar-se um pouco, Gertrudes comentou com Epaminondas: “Este fulano vai te pedir desculpas e agradecer o resto da vida. Observe que o faz toda vez que te encontra”.

E, assim, há algum tempo, realiza-se a “Quarta Musical”, que começou com uma hora e, logo caiu no gosto do pessoal e, a pedido, passou para duas horas, todas as quartas-feiras, sempre com a assídua presença do Gildo, que faz questão de lá estar durante as apresentações de Berenice.

Fato interessante ocorreu em um dos dias em que a pianista estava a tocar. Uma das idosas, a mais quieta de todos que estavam hospedados, e sempre ficava observando-a tocar, levantou-se e, diante do olhar de todos que estranharam a atitude, aproximou-se de Berenice, que encerrava a sua apresentação, e disse-lhe que, quando jovem, também tocava piano. Parou, após casar-se, desfazendo-se do piano. “Gostava de tocar, e ainda me lembro da minha carinhosa professora”, disse a idosa. Berenice convidou-a a tentar tocar uma música. Nisso, a senhora, indecisa, mas incentivada por Berenice, sentou-se e começou a tocar, com algumas pausas; porém, auxiliada pela professora, conseguiu alguns acordes. Isso resultou em aplausos dos demais e um largo sorriso da idosa. Com o ocorrido, Berenice escreveu partituras de músicas mais simples, para iniciantes, e orientou a idosa que, a partir dali, diariamente, fazia seus exercícios ao piano.



6 - O sanfoneiro, o tecladista e a professora de canto

Semanas depois, Epaminondas encontrou-se com Gumerindo, que disse ter sido vendedor, profissão na qual se aposentou, mas um pouco frustrado por não ter sido sanfoneiro profissional. “Naquele tempo, não se dava muito valor”, afirmou ele. Aprendeu a tocar, ainda garoto, entusiasmado com uma sanfona que ganhou de um tio, o qual lhe pagou, durante anos, aulas com uma professora perto de sua casa. Que, agora, tocava de vez em quando para não ficar enferrujados, ele e o acordeão, disse a sorrir.

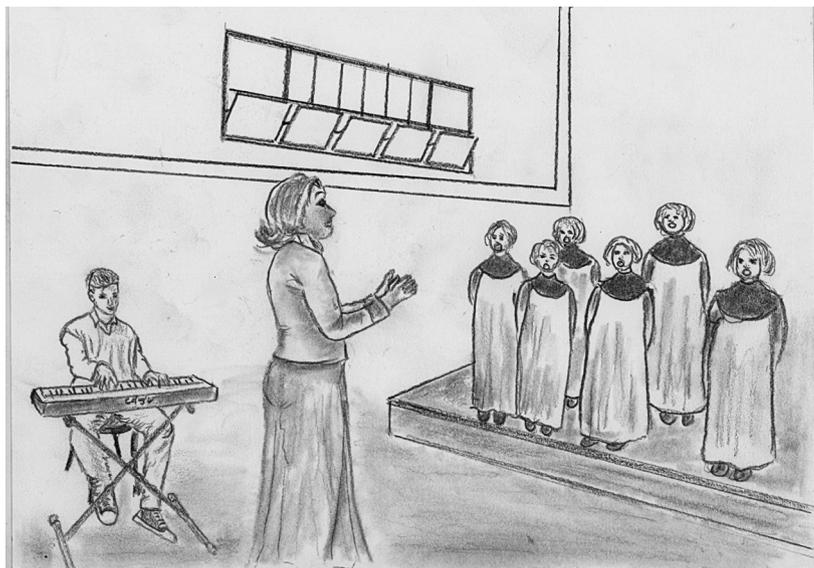
Epaminondas falou que se recordava de quando eles estudavam, na escola, nas festas de encerramento, ele tocava a sanfona, que mal aguentava com o seu corpo franzino. “Verdade, boa lembrança” confirmou o amigo.

Era muito conversador, o Gumerindo, e aceitou na hora, quando Epaminondas falou-lhe sobre a possibilidade de tocar uma vez por semana na casa de repouso.



A diretora da casa de repouso concordou em receber, um dia por semana, o Gumercindo para tocar, e abriu a possibilidade a Epaminondas de trazer atividades que quisesse para a casa, o que ele não desprezou, pois oriundo de encontros com outros ex-colegas, para lá, levou um tecladista e uma professora de canto, que acabou formando um coral com os idosos. Assim, na casa de repouso, o que começou com a “Quarta Musical”, com o piano, estendeu-se

por outros dias com o sanfoneiro Gumercindo, o tecladista Orolindo e aulas de canto com a professora Gessina, sendo que, um dia por mês, o tecladista tocava para a apresentação do coral regido pela professora.



Capítulo 4

1 - Com o artista plástico

Outro encontro de Epaminondas com ex-colegas ocorreu com o Evangivaldo. Haviam marcado, em uma padaria, para um café; mas, no dia anterior ao encontro, Evangivaldo ligou pedindo que o encontro fosse em sua casa, pois estava com uma pequena dor no pé, por conta de uma torção ao descer uma escada.

Ao chegar a casa, foi recebido pelo Evangivaldo que o levou até o seu ateliê, em uma edícula, nos fundos da residência, pedindo desculpas pela poeira, pois durante a semana não tivera tempo de limpá-lo e, a bem da verdade, estava o local meio sem uso, ultimamente. Espanou duas poltronas, mas antes de sentarem, circularam pelo ateliê, mostrando a Epaminondas os seus quadros, esculturas que ainda restavam. “Os por encomenda e alguns mais se foram, e estes estão aqui como lembrança de uma época efervescente de criatividade”, disse.

Perguntado pelo Epaminondas se continuava a produzir, Evangivaldo respondeu que não. Aposentado, era hora de descansar e deixar o tempo correr. Indagado se ainda se achava capaz e com habilidade para construir uma obra, respondeu que sim e, sem se incomodar com o pé torcido, rapidamente, apanhou uma prancheta e lápis sobre uma mesa e, em poucos minutos, desenhou uma bela paisagem. Nisso, Epaminondas, de pé, com a boca aberta, ficou espantado com a atitude do ex-colega.

“Meu Deus, parece uma foto. Igual, igual. Este talento não pode ficar desperdiçado, meu amigo”, disse

Epaminondas, perguntando, a seguir, se o Evangivaldo já havia desenhado em paredes e muros.

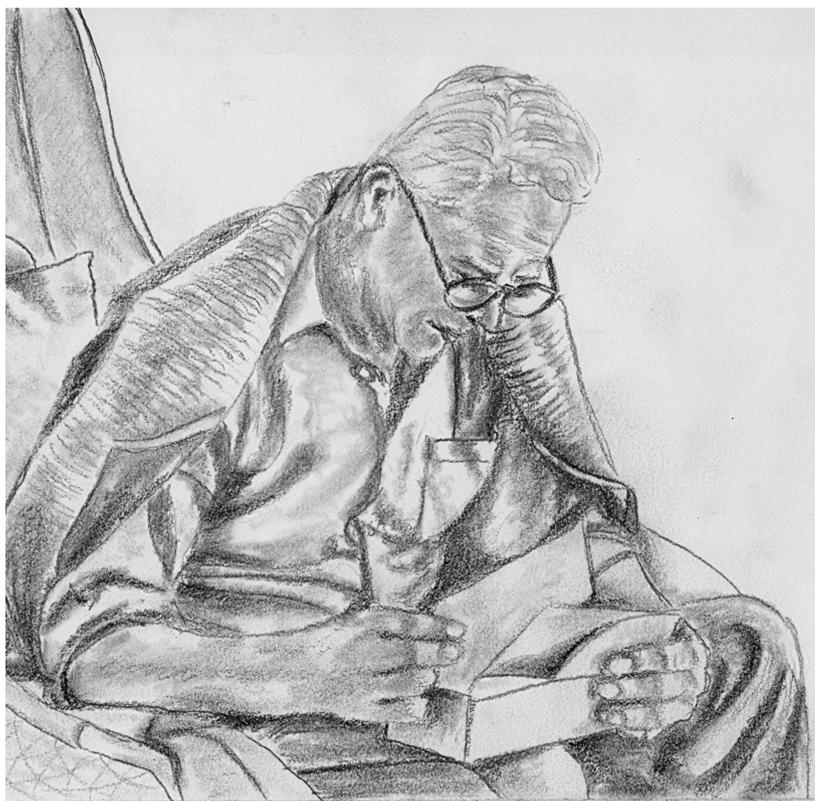
Evangivaldo fez sinal para que Epaminondas o seguisse e, no fim da sala, alegando que não poderia fazer esforço, com o pé daquele jeito, pediu que ele pegasse uma escadinha que se encontrava próximo, e lhe apontou, na prateleira, um álbum, e que ele fizesse o favor de pegá-lo. Folhearam e Epaminondas ficou admirado com as fotos das pinturas e desenhos que foram executados pelo amigo.

Epaminondas contou sobre o Deoclides estar dirigindo um grupo de teatro na escola. Evangivaldo se lembrou do diretor e disse que, inclusive, assistiu a algumas peças sob a direção do Deoclides que, vez ou outra, conversava com ele, mas com o tempo perdeu contato.

Epaminondas falou que ele que havia apresentado o diretor de teatro numa escola pública, que tinha feito amizade com a diretora, e estava pensando na possibilidade do amigo deixar lindo o muro da instituição de ensino. Quando percebeu que o Evangivaldo estava prestes a recusar, acrescentou que o trabalho não seria feito sozinho. Pensava em ter a participação dos alunos da escola, para que eles se sentissem importantes e valorizassem o seu espaço de estudo. “Você faz os desenhos, no muro, e eles pintam, será supimpa”, complementou.

Evangivaldo disse que achava a ideia até interessante; mas que, com certeza, a filha dele não iria consentir. Depois que ficara viúvo, coisa de uns dois anos, a filha não queria que ele fizesse mais nada. Terminou umas encomendas, entregou-as e não pegava mais trabalho, proibido pela filha. Ainda mais agora, com a quase queda dele da escada, quando torceu o pé. “Até o meu almoço, quando vem a moça da limpeza, ela faz; mas, quando não, a Deusarina, minha filha, me traz uma marmita”, observou. Depois

falou: “Daqui a pouco, ela estará aqui. E vem bastante comida, dará para eu e você comermos sossegado, você verá”, acrescentou Evangivaldo. Por sua vez, Epaminondas agradeceu ao convite para o almoço, mas disse que gostaria de ficar para conhecer a filha do amigo e, quem sabe, convencê-la a deixar que ajudasse na pintura da escola, nem que fosse apenas para ele fazer os desenhos no muro. Evangivaldo afirmou que ela era durona, dificilmente cederia; mas, que tudo bem, poderia tentar.



2 - Com a filha do Evangivaldo

De fato, Evangivaldo tinha razão. Era muita comida, e Epaminondas acabou almoçando com ele, ocasião em que pode constatar que a filha do amigo era, de fato, enérgica mesmo. Ela não cedia, mesmo diante dos vários argumentos de Epaminondas, de que seria bom para o amigo ter uma ocupação, leve, claro.

Como não havia progresso na conversa, Epaminondas, como última alternativa, prontificou-se a vir buscá-lo e trazê-lo em casa e, ainda, auxiliar no trabalho. Concordou, quando Evangivaldo disse que ele não entendia nada de pintura, mas podia muito bem, mexer uma tinta, lavar um pincel e o que mais fosse preciso no auxílio.

“Tudo bem, Epaminondas, mas nada de subir em escadas e carregar pesos. Nem eu, nem você”, disse Evangivaldo, piscando para o amigo.

- Esperem aí, estão falando como se eu tivesse concordado com essa loucura de vocês. Tem muita graça, isso! - interrompeu Deusarina.

Ficaram os dois tentando persuadir a moça e insistiram tanto, que Deusarina, por fim, aceitou; mas, disse que iria junto para ver como era a história, direitinho, e se eles não estavam fazendo nenhuma trapalhada. Que marcassem o dia para irem até a escola, exceto de quarta-feira, que ela tinha compromissos. “Não abro mão de estar nessa primeira conversa com a diretora”, impôs a filha.

Quando Deusarina saiu, e os amigos ficaram sozinhos, Epaminondas falou para o amigo que a sua filha era mesmo

severa e estava, talvez, pensando que os dois eram bocós. “Rapaz, por Deus, que domínio é esse, homem?” disse ele.

3 - Na escola

Foram conversar com a diretora da escola e, como exigira Deusarina, ela foi junto. Deixou claro, na reunião, que o Evangivaldo não pegaria peso algum e nem subiria em escadas, além de muitas recomendações de cuidado e “nada de muitas horas em pé”, com o que assentiu a diretora. “Estarei vigilante”, concluiu a filha do artista.

Estavam saindo, quando chegava Deoclides – o diretor de teatro – que ao ver os amigos, principalmente o Evangivaldo, que não via há tempo, abraçou-os, entusiasmadamente, o que convenceu definitivamente Deusarina que fizera bem em permitir que o pai se desse àquela aventura.

Recuperado do pé torcido, Evangivaldo, acompanhado de Epaminondas, foi à escola, fez um croqui, tirou as medidas do muro e, em casa, fez um esboço de sua arte que levou para a aprovação da diretora, que já estava recrutando os alunos que ajudariam na empreitada.

Na semana seguinte, Evangivaldo iniciou os desenhos no muro. Ficaram surpresos com a presença de alguns pais de alunos que ajudavam, preparando andaimes, o que foi

ótimo, pois a Deusarina que, vez ou outra passava pelo local, tranquilizou-se ainda mais. Os estudantes, com a orientação do Evangivaldo, vigilante e primoroso, seguiam as cores do esboço e pintavam os desenhos do muro.

Quando as cores brilhantes da pintura começaram a surgir e dar beleza ao muro da escola, vieram outras diretoras convidando o Evangivaldo para fazer o mesmo nas suas escolas. A assistente social da casa de repouso surgiu por lá e questionou Epaminondas por que não escolhera a sua instituição para a pintura, o que fez com que Evangivaldo intervisse, sinalizando que, terminado o muro da escola, ele faria a pintura da casa de repouso. “Se a tua filha permitir”, observou Epaminondas. Balela, porque sabiam muito bem que a Deusarina estava mais flexível, com a permissão ao que estavam fazendo, conquanto que não houvesse cobranças, e que “fizessem o serviço no tempo do meu pai, sem pressa”.



Capítulo 5

1 - A violinista e o violonista

Num dos dias em que Epaminondas estava a ajudar na pintura do muro da escola, chegou Deoclides, o diretor de teatro, e perguntou-lhe se ele se lembrava, e se já havia conversado com Jandalice, ex-colega que era violinista. “Toca, maravilhosamente, o violino, inclusive tocou em uma de minhas peças encenadas, em que uma personagem era violinista”, disse ele. Epaminondas pegou em sua mochila uma lista com os nomes dos ex-colegas e mostrou ao amigo, informando que não conseguira o contato dela, procurando, nas redes sociais, ao que o Deoclides esclareceu que ela se recusava, terminantemente, a usar as mídias digitais. “Mas, eu tenho o telefone fixo dela, pois ela não tem celular”, acrescentou.

Telefonou e, no encontro que aconteceu, na casa da violinista, após momentos de conversas descontraídas, Epaminondas disse que, como o Deoclides havia lhe contado que ela era violinista, veio revê-la e convidá-la para, também, como fez com alguns dos ex-colegas, a tocar, pelo menos uma vez por mês, na casa de repouso. Uma vez, em cada uma, pois agora já eram duas casas de repouso que recebiam os amigos artistas.

O marido de Jandalice ajeitou-se, na cadeira, e falou para ela: “Aí está mulher, de onde virá a grana para a pintura da casa que tanto estás a reclamar”. Virou-se para Epaminondas e perguntou: “Qual o valor do cachê, mesmo, amigo?”. Constrangido com a inesperada pergunta, Epaminondas explicou-lhe que era uma instituição sem

recursos, e que o convite para tocar seria sem remuneração. Um trabalho voluntário. Ou seja, filantropia para ajudar os idosos que lá estavam sem atividades, pois as músicas os alegravam muito. Quando ele ouviu do homem um “de jeito nenhum”, e Jandalice, complementando, com um “eles pensam que artista não precisa de dinheiro pra viver, meu velho”, argumentou que, claro, quem pudesse, deveria pagar; mas que, no caso, tratava-se de algo especial, de pessoas que não tinham recursos para o pagamento. Porém, no seu ponto de vista, tinham direito à arte, e que seria uma maneira dela contribuir, doando a sua arte a quem não podia pagar. Quando Jandalice respondeu-lhe: “Eu não concordo com essa sua ideia”, e o marido acresceu: “Tampouco eu!” Então, Epaminondas percebeu que era inútil qualquer tentativa de convencê-los e, deu-se por vencido, agradecendo à recepção e que, qualquer dia, voltaria para uma nova visita.

Dias depois, sabendo do ocorrido com a violinista, Deoclides procurou Epaminondas para lhe dizer que contou ao seu vizinho a história e ele, violonista de primeira, ofereceu-se para tocar o seu violão, uma vez por mês, para os idosos. O tal violonista começou em uma das casas, uma vez por mês, e aceitou o pedido de Epaminondas de estender a uma vez por mês em cada uma das casas de repouso.



Capítulo 6

1 - A contadora de histórias e o escritor

Foi por meio de um grupo de ex-colegas, no WHATSAPP, que Epaminondas fez contato com a Aricléia e marcou o dia de visitá-la.

Ela lhe explicou como iniciou a sua atividade de contadora de histórias. Com a família grande, de muitos irmãos que, casados lhe trouxeram muitos sobrinhos, além dos seus quatro filhos, ela, com a família muito festeira, que tinham, por hábito, reunirem-se, constantemente, começou a contar algumas histórias para a garotada. Empolgados, ela e o marido, Tibúrcio, fizeram cursos, aperfeiçoando-se na arte de contar histórias, e chegaram a fazer até em alguns eventos, ganhando uns trocos. Com os filhos já crescidos, contavam histórias para os filhos dos vizinhos e, depois, para os seus netos, dos quais, três ela cuidou até dois anos atrás, quando, já maiores, foram estudar em uma escola perto da casa da filha. Com isso, parou de contar histórias e, quando os filhos não estão ocupados, visita-os. No restante do tempo, ela e o marido vivem a ler e a fazer as suas caminhadas, por prazer e aconselhamento médico.

Epaminondas lhes disse que achava interessante a capacidade de juntos contarem histórias que tanto contribuem para o desenvolvimento imaginário das crianças. Surgiu-lhe, então, a ideia de eles contarem histórias para as crianças de uma creche, que ele conhecia e visitava vez ou outra, não muito longe dali. Eles alegaram que estavam, há tempos, sem contar histórias, e que nem livros mais possuíam para auxiliá-los na atuação. Epaminondas

falou, então, que os livros não eram problema, pois conhecia um escritor de livros infantis. “Você, talvez se lembre dele, Aricléia”. É o Ivandevon, aquele que, no tempo do ginásio, editava um jornalzinho na escola. Jornalzinho que, de vez em quando, dava uma briga danada com as fofocas nele veiculadas. Ele sempre gostou de escrever e, pelo que se sabe, seguiu pelo caminho das letras, sempre com uma produção literária voltada para o público infantil. “Não sei como ele está agora”, disse Epaminondas, “mas não importa, pois o certo é que eu consigo alguns livros com ele, sim”. Aricléia afirmou que se recordava do ex-colega e, diante da insistência do amigo, cederam, na condição de receber os livros antes, para que pudessem preparar não só a performance; mas, também, os materiais necessários para a apresentação da contação de história.

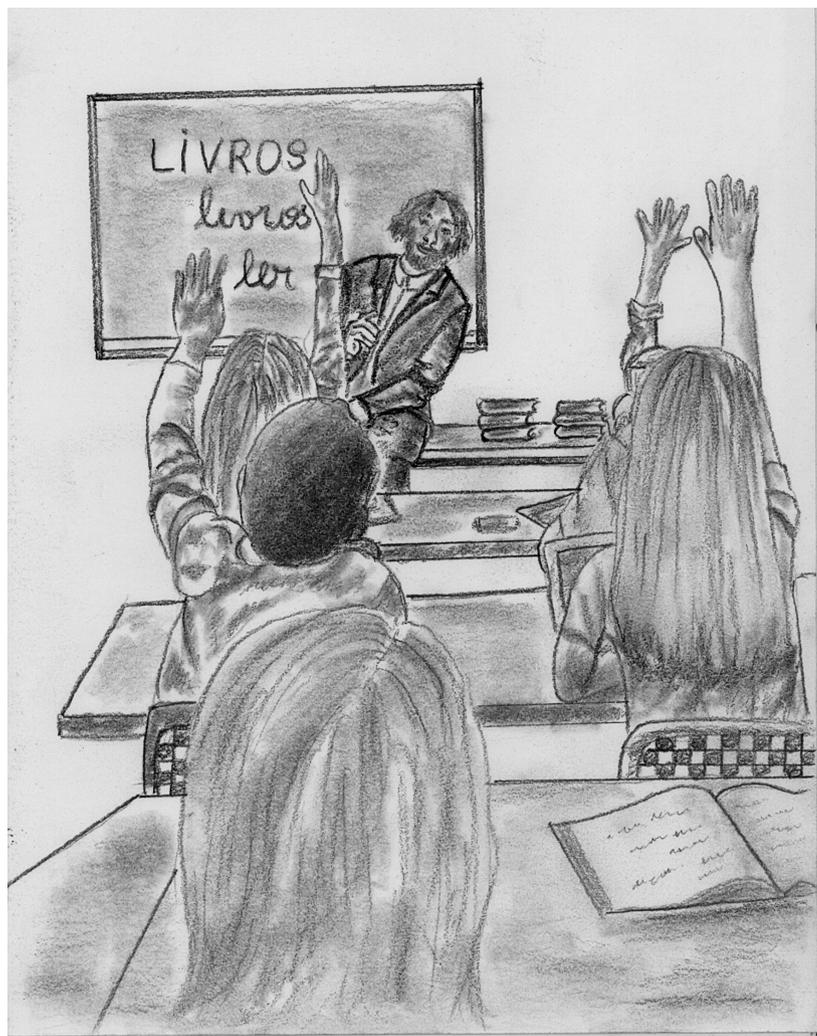
Como previu Epaminondas, o escritor Ivandevon deu-lhe uma caixa de livros de sua autoria, com vários títulos infantis, que ele levou, imediatamente, para Aricléia e Tibúrcio prepararem a contação de histórias.



Bem, a contação de história acabou se estendendo para outra creche e duas escolas infantis no bairro. Na primeira escola, por condições impostas pelos contadores de histórias, Epaminondas se fez presente e aí, vendo a empolgação dos estudantes com a história, surgiu-lhe a ideia de levar o escritor para uma conversa com os estudantes sobre o processo de criação, e as características das personagens do livro em que foi contada a história.

Epaminondas contou à sua mulher, dona Gertrudes, sobre o convite que faria ao escritor para uma conversa com os alunos, na escola, e ela comentou que ele parecia uma vendedora, sua amiga, que tinha de tudo para vender. Representava, comercialmente, um sem-número de empresas, e o que quisesse, ela tinha para vender. Quando vendia algum produto, logo perguntava do que mais a cliente precisava que ela dispunha. “Ela, pelo menos ganhava comissão de um e de outro, mas tu não recebes nada mais do que muito trabalho e, vez ou outra, uns esbregues, merecidos, diga-se de passagem”, complementou a esposa, galhofando, e ele a sorrir com um “Tens razão, tens razão, Gertrudes”.

Ivandevon aceitou a proposta de visitar as escolas e no dia do evento, os estudantes, que já conheciam as histórias e as personagens, a princípio acanhados, quando começaram as perguntas de alguns mais desinibidos, fizeram ao escritor intermináveis questionamentos sobre a sua carreira e como criou as histórias e as personagens dos seus livros.



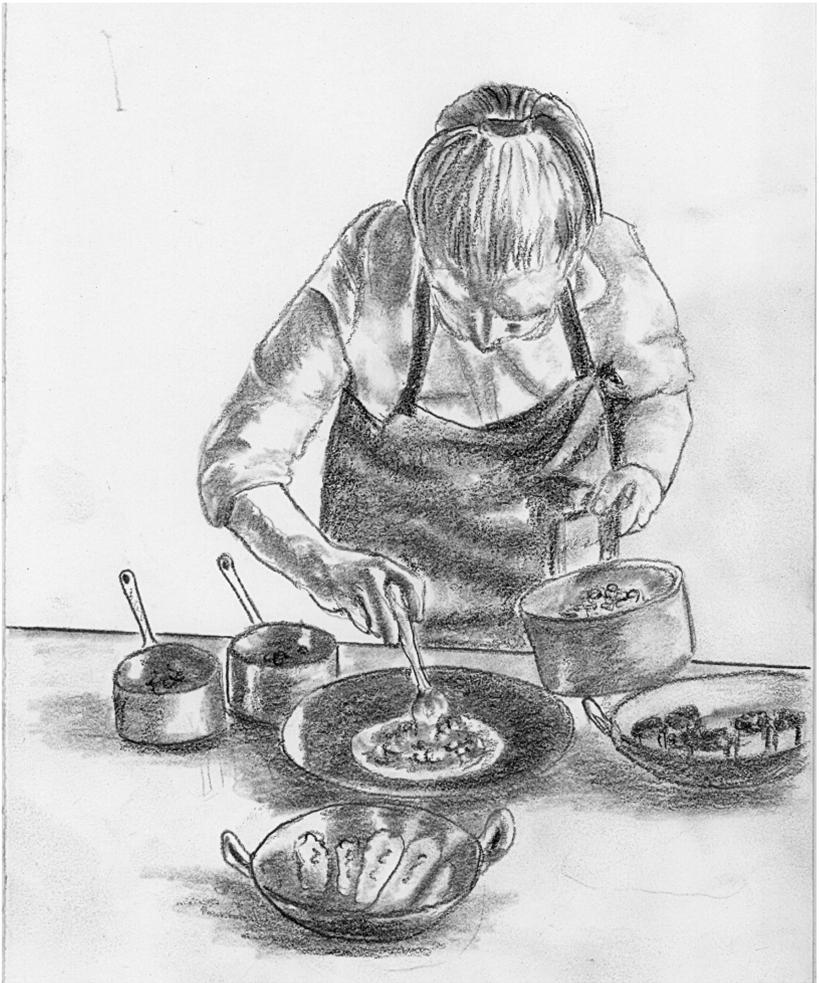
Capítulo 7

1 - A cozinheira e costureira

Quem informou o telefone da Benigna ao Epaminondas foi à contadora de histórias, ao ver a lista com os nomes de ex-colegas que ele não conseguiu o contato.

Quando chegou para a visita na casa da Benigna, lá estava a filha dela que passara para vê-la, e levar uma calça para que a mãe fizesse a barra. Conversadeiras, ambas, a filha quis saber do Epaminondas como era a mãe, quando estudava, porque ela sempre se gabava aos filhos de que era estudiosa e muito comportada. Ele confirmou que ela era estudiosa, mas comportada, que ele se lembrasse, ela não era não, o que acabou em risadas.

Continuaram a agradável conversa, enquanto se deliciavam de um doce de goiaba preparado por Benigna. Ao elogiar o doce, a filha disse que não era nenhuma novidade estar saboroso, pois a mãe era especialista em doces, sendo responsável pela fabricação de quitutes e bolos de uma grande padaria por muitos anos. “Sua especialidade são os doces; mas, também, prepara salgados deliciosos”, acrescentou. Com aquela preciosa informação, Epaminondas sugeriu que ela, com tais habilidades culinárias, bem que poderia ajudar, em alguns dias, a preparar a merenda da garotada que frequentava uma instituição que atendia estudantes carentes no contraturno escolar. Nem que fosse, com a sua experiência, orientando as outras pessoas da cozinha.



Jardalice, a filha de Benigna, com o seu jeito espalhafatoso, foi logo falando: “Taí, mãe a oportunidade! Você fala que quer fazer alguma coisa para ajudar outras pessoas, mas não sabe como. Outra coisa, senhor Epaminondas, não é só boa cozinheira, não. Costura que é uma maravilha. Pode contar com ela, que irá, sim. Tempo ela tem de sobra”, concluiu com uma gargalhada.

Epaminondas aproveitou-se da ajuda da Jardalice, e virou-se para a ex-colega, dizendo que estava feliz com a decisão dela e que marcasse o dia para que fossem conversar com a responsável pela instituição. Combinasse com ela quantos dias da semana poderia ir ao local para fazer um trabalho voluntário.

Jardalice, desconhecemos se para se gabar dos conhecimentos da mãe ou para incentivá-la mais, afirmou que Benigna fazia milagres na cozinha. “Com ingredientes simples, faz coisas sofisticadas, que só vendo”.

Entre vou não vou, o que é certo é que Benigna foi comandar a cozinha da instituição, e se meteu a costurar algumas toalhas para enfeitar as mesas do refeitório e até bordou aventais das pessoas que lá ajudavam.



Capítulo 8

1 - O agricultor

Outro ex-colega visitado pelo Epaminondas foi o Alarico. Ele vinha de família de agricultores e, com o falecimento dos pais e desinteresse dos irmãos, continuou com o negócio, mesmo porque foi o único que cursou Agronomia e se interessava pelo cultivo. Atualmente, por conta de enfermidade da esposa, que requer acompanhamento médico, vendeu a propriedade para um amigo e mudou-se para a cidade. Uma vez por mês, por lá aparece; porém, como visitante, para alegrar o espírito com a beleza da natureza.

Percebendo o fascínio do amigo pelo cultivo, Epaminondas viu ali uma possibilidade de convidá-lo para ensinar os alunos da escola “Santos Dumont”, que possuía uma boa área livre, a fim de construir uma horta. Alarico aceitou de imediato e se propôs a pedir ao amigo, que comprou o sítio, algumas mudas de hortaliças para o plantio da horta. Todavia, concordou com o Epaminondas de que o melhor mesmo seria que plantasse por sementes, para formar as mudas, o que serviria como ensinamento à garotada.

Após autorização da diretora e recrutamento dos alunos que participariam das atividades, sob o comando e orientação de Alarico, alguns meninos e meninas construíram bandejas para formarem as mudas, enquanto outros preparavam a terra para o plantio. Uma das alunas, muito caprichosa, com mais dois colegas, construiu um cercado de madeira e pintou em cores verde e azul. Alarico

pedia paciência para a turma que, insistentemente, iam ver se as mudas já estavam prontas para o plantio. “tudo tem o seu tempo, tenham calma”, dizia ele para a garotada.

Enfim, chegou o momento em que as mudas estavam prontas para o plantio que, cuidadosamente, transportaram para o canteiro. Alertado por Alarico, pronta a plantação, os garotos começaram o preparo de novas mudas para serem utilizadas após a colheita das hortaliças plantadas.

Quando, já no tempo de consumo, a diretora permitiu aos alunos que trabalharam na horta que levassem para casa para consumir, a fim de mostrar aos pais o resultado do empenho deles, uma sacola com um pouco de cada produto e o restante da plantação foi utilizada nas refeições da escola e consumida por todos os alunos.

O resultado foi excelente e, claro, o Epaminondas, depois de muitos elogios, convidou o agricultor Alarico a fazer o trabalho com os alunos da outra escola, além de continuar acompanhando a garotada, na escola ‘Santos Dumont’, o que o ex-colega prontamente aceitou.



Capítulo 9

1 - O artesão

Não encontrando, nas redes sociais, pelo nome, Epaminondas enviou mensagens para várias pessoas com o sobrenome, até que recebeu resposta de uma moça, dizendo-se filha do Uósteles e, após vários questionamentos, retornou, na semana seguinte, informando que conversou com o seu pai e que ele ficou feliz em ser procurado pelo ex-colega. Passou o número do telefone, avisando-o que ligasse após as 11 horas da manhã, pois o Uósteles tinha por hábito levantar-se mais tarde.

Uósteles preferiu que Epaminondas viesse a sua casa, pois seria uma oportunidade de conhecer a sua esposa. Epaminondas, ao chegar, encontrou espalhados pela casa, sobre móveis e pendurados nas paredes, vários objetos decorativos. Enquanto ele examinava mais de perto um deles, dona Euridice, esposa do amigo, informou, gabando-se, que tudo aquilo era obra do seu marido, artesão de primeira. Quando Epaminondas disse que eram muitos e perfeitos, ela acrescentou: “fora os que foram vendidos, doados, e os que estão no quartinho, lá nos fundos. Venha ver os prontos e os em que ele está trabalhando”.

Enquanto se dirigiam ao quarto, Epaminondas narrou à dificuldade de localizar o amigo, e o quanto foi demorado obter respostas de suas mensagens. Uósteles disse que sempre foi reticente ao uso da tecnologia e das redes sociais; entretanto, a filha insistiu e lhe criou uma conta, no Facebook, em que ele, vez ou outra, fazia algumas postagens. Mas, quando ele postou a foto de um dos seus

artesanatos e um cunhado, invejoso e encenqueiro, fez um comentário desagradável, ele cancelou a conta com o propósito de não mais ter outra e nem olhar nada nas redes sociais. “Já falei, diversas vezes, para ele que isso é besteira, que tem gente de todo tipo e pra esses, eu respondo na lata. No tal comentário desse fulano, marido de minha irmã, eu respondi que ele precisava respeitar as pessoas, e não criticar apenas para aparecer. Comigo é assim”, opinou Euridice.

No quartinho, encontravam-se vários trabalhos concluídos e, sobre uma mesa, alguns em andamento, que o Uósteles explicou como seriam executados até o final. Relatou que se aposentou como encarregado de produção de uma metalúrgica, mas que, desde bem antes, já fazia alguns artesanatos. Após a aposentadoria, com o casamento da filha, o quarto ficou vago; então, fez a sua oficina e iniciou um processo de produção dos objetos que vendia ou doava a parentes e amigos, sendo que, atualmente, é mais devagar, com dias que nada faz. “Podes levar alguns desses para a tua esposa ou, se preferir, trazê-la para escolher”.

Epaminondas falou-lhe que tinha uma ideia melhor do que trazer a esposa para receber um artesanato e que torcia para que o amigo aceitasse a proposta. Nas visitas que vinha fazendo aos ex-colegas, alguns se propunham a contribuir, com os seus talentos, em escolas, creches, instituições que ele conhecia. Com isso, a sua esposa, que participa de um grupo de terceira idade, havia solicitado que, se possível, ele conseguisse que uma dessas pessoas fosse desenvolver atividades com os idosos que frequentam o local. “Então, veio-me à mente a convicção de que, se eu convidar, o amigo aceitará ensinar para as pessoas do grupo a fazerem alguns artesanatos mais simples, claro. Além de ocupar o tempo com algo agradável, eles terão a satisfação de presentear netos, parentes e amigos com algo que eles construíram”.

Uósteles entusiasmou-se com o convite e de pronto aceitou. A sua esposa disse que iria junto para conhecer o grupo. O artesão pediu que eles ficassem ali a conversar, enquanto ele prepararia uma lista dos materiais necessários para o primeiro artesanato que ensinaria a turma a construir.

Pronta à relação do que precisaria, entregou ao Epaminondas que ficou de avisá-lo, assim os materiais estivessem disponíveis e, então, combinassem o dia para o início dos trabalhos.

No dia e horário combinados, Uósteles não apareceu. Prepararam mesas, tesouras, materiais e o que mais necessários; mas, infelizmente, o artesão não deu sinal de vida. Encurralado pelos idosos e, questionado com veemência, pela mulher, Epaminondas tentou contato por telefone, mas só dava ocupado. Aflito e preocupado com o que teria acontecido, dirigiu-se até a casa do amigo, ainda com a esperança de que Uósteles estivesse atrasado e chegaria, enquanto ele estivesse a caminho.



2 - Contratempo

Epaminondas angustiou-se, ao ser atendido por Euridice e, ao abrir da porta, avistar Uósteles, de pijama, largado no sofá. A mulher informou-o que ela se aprontou e o marido custou a se levantar e, quando o fez, jogou-se no sofá e não houve como fazê-lo levantar. “nunca vi tanta moleza e desânimo igual a desse teu amigo”, concluiu.

Uósteles, ao ver o amigo, pediu desculpas pelo inconveniente. Disse-lhe que foi precipitado em aceitar o convite, empolgado pela visita e possibilidade de criar novos artesanatos e, também, ensinar aos idosos. Empolgação que não passou de dois dias. Esta noite, passou insone, com pensamentos a lhe atormentar, como se fosse uma pessoa dizendo: “Não vais conseguir! Se já quase não faz isso, na tua casa, como vais ensinar aos outros? Serás enxotado sob vaias pelo fracasso. Avisa ao teu amigo ou, então, esconda-se”.

- Como vês, meu amigo, não tenho condições para o prometido. Não tive coragem de te avisar, nem ânimo para me levantar. Peça desculpas ao grupo em meu nome, e fica o dito pelo não dito.

Epaminondas, desesperado, com mãos a cabeça, disse que era impossível retroceder. Com que cara ficaria ele e a esposa perante o grupo com o qual se comprometeram a levar um artista para ensinar-lhe a arte? Se isso acontecesse, com certeza, a sua mulher sairia do grupo e seria motivo de comentários. Estavam todos ansiosos, materiais, tudo preparado para as atividades que seriam realizadas, nem

que tivesse que levá-lo à força ele iria.

Depois de muita conversa Uósteles comprometeu-se a ir, na próxima semana, e Epaminondas, para evitar inconvenientes, viria buscá-lo. Providente, Euridice, a esposa do artesão, convidou-o para o almoço no dia acertado. Descansariam um pouco e, depois, iriam para o encontro com os idosos.

Os dias que se seguiram foram de tormento para o Epaminondas. Além da preocupação e inseguro se o amigo iria mesmo, as menções, constantes da sua esposa, dona Gertrudes, sobre o episódio e a vergonha que ela passou por ter indicado o artesão para o grupo. “Fico incomodada com os cochichos e olhares de alguns, mesmo tendo dado a desculpa de indisposição repentina do teu amigo. Cuidas para que ele vá dessa vez, senão te verás comigo”, repetia ela.

Com essa perturbação, Epaminondas ligava todos os dias e, antes de falar com o amigo, conversava com a Dona Euridice, sobre como andava o ânimo do dele.

No dia apazado, ligou cedo para a dona Euridice e, mesmo sabendo que Uósteles acordava mais tarde, chegou por volta das dez horas para não facilitar ocorrência de imprevisto. A esposa do Epaminondas, dona Gertrudes, insistiu e foi junto com o marido, dizendo não querer arriscar-se a passar por um novo vexame.

Uósteles levantou-se disposto e, antes do almoço, tirou a agonia do Epaminondas, informando-o que já estava arrumado, em uma maleta, tudo que precisava para a atividade.

Para alívio de Epaminondas e dona Gertrudes, o resultado do trabalho de Uósteles foi excelente, gerando um clima de entusiasmo nos idosos pelo que conseguiram aprender.

Epaminondas ficou ainda por um tempo indo

buscar, com antecedência, o amigo, para acompanhá-lo na atividade. Passou a ir, esporadicamente, a partir do momento que percebeu a disposição e satisfação dele no que estava fazendo, e lhe foi confidenciado pela senhora Euridice que o marido estava até levantando mais cedo, a fim de preparar as coisas e estudar novas criações.

Desincumbiu-se, por completo, da obrigação de ir buscá-lo, quando, mesmo antes de concluir a primeira peça com os idosos, Uósteles deu-lhes a lista de materiais para o próximo trabalho que empregaria a técnica do ‘Origami’.

Dona Gertrudes mantém o Epaminondas informado das realizações do grupo de novos artesanatos, sempre sob a supervisão do Uósteles, que não faltou a nenhum dos dias e conduz tudo com fervor. Contou-lhe que a esposa dele enturmou-se com o grupo e que até o frequenta em outros dias.

Capítulo 10

1 - O engenheiro

No primeiro encontro, Severino cumprimentou Epaminondas com um forte aperto de mão.

- Já estou sabendo de tudo, Epaminondas. Não queres ser chamado pelo apelido e tá arrumando o que fazer para todos os ex-colegas. Fala logo o que quer que eu faça que eu concordo e ficamos a jogar conversa fora.

- Se isso está se espalhando assim, daqui a pouco, ninguém mais irá querer se encontrar comigo. – Respondeu Epaminondas, com uma gargalhada.

- Brincadeira, amigo. Mas, o Alarico me falou sobre a ajuda na escola em que ele está preparando uma horta, por sua iniciativa. Soube, ainda, que você levou Deoclides para montar uma peça de teatro e, também, o Evangivaldo para fazer a pintura do muro. Então, meu caro, tudo indica que também vou ter que entrar nessa.

- Bem, já que você se oferece, diga-me, aí, como você acha que pode ser útil, ajudando e, depois, falamos sobre o passado, presente e futuro.

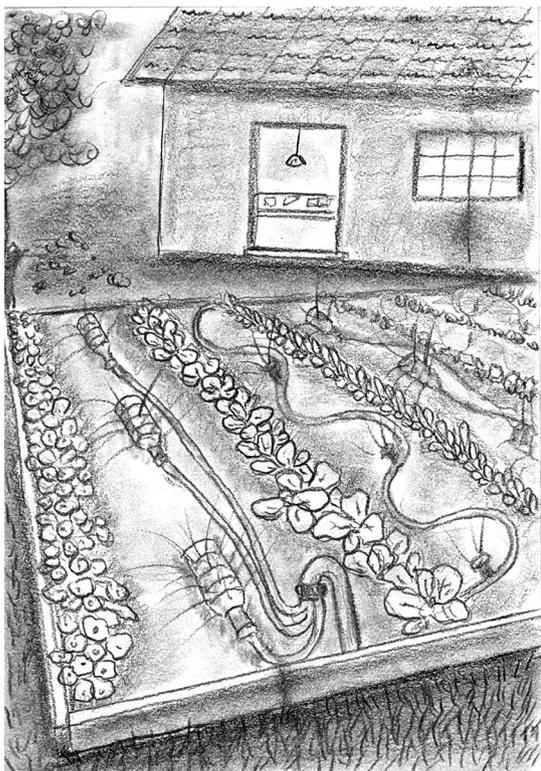
Severino informou-lhe que era engenheiro mecânico, aposentou-se; mas continuava fazendo pequenos trabalhos. No entanto, isso não o impedia de contribuir com o que o amigo entendesse que seria bom.

Após várias ideias e possibilidades, optaram por construir, com a ajuda dos alunos, um sistema de irrigação para a horta, condicionado a que conseguissem, na escola, uma sala para que o Severino levasse algumas ferramentas e improvisasse uma bancada para a confecção de pequenas

peças. O que foi resolvido, na hora, com a ligação do Epaminondas para a diretora da escola, que se prontificou em liberar uma sala para a oficina.

Então, combinaram o dia que iriam ao local, para que o engenheiro tirasse as medidas para o projeto e visse o que seria necessário, esclarecendo que os materiais ele conseguiria, sem custo, pois era sobra de uma obra. Com isso, ficaram a conversar por horas e, quando o Epaminondas se retirou, já começava a escurecer.

O sistema de irrigação, com direito até a inauguração, ficou perfeito com temporizador e instalação de um sensor para não ser acionado em dias de chuva, ideia que surgiu de uma aluna que participou do projeto.



Capítulo 11

1 - A professora de Matemática

O encontro com Joseilda aconteceu em uma cafeteria. Ela tornou-se professora de Matemática, lecionou em duas escolas, durante um bom tempo, até que, há dois anos, aposentou-se.

Recordou-se Epaminondas que a ex-colega era muito boa em cálculos, matéria que ela adorava, tirando sempre as melhores notas. Lembrou-se, ainda, que, em um ano, ele ficou para recuperação e recebeu umas aulas dela, o que lhe valeu a aprovação no curso. “Se não fosse você, eu teria repetido o ano. Por conta disso, te pago o café agora”, disse ele sorrindo.

Durante a conversa, a professora confirmou que sempre gostou de Matemática, mas que lhe ficou reprimido o desejo de aprender a desenhar que, com a correria de lecionar, em duas escolas, além de cuidar da casa, nunca lhe sobrou tempo para cursar. Faz alguns rabiscos mais por instinto e, naturalidade, que reconhecia imperfeitos, do que por considerar-se desenhista. “Nem coragem tenho de mostrar”, acrescentou a caçoar-se.

Quando Epaminondas disse que ainda dava tempo para aprender, ela respondeu com espanto:

- Com esta idade? Estás a brincar, amigo.

Epaminondas tomou mais um gole de café, ajeitou-se na cadeira e continuou:

- Não, não estou a brincar, amiga. Pense junto comigo: se tinhas muitas horas ocupadas no trabalho, somando manhã e tarde, por que não dispor desse tempo, agora livre,

para satisfazer uma vontade que ficou lá atrás, por conta daquela falta do tempo?

Provável que o aprendizado não seja tão rápido, como o de uma criança ou um jovem, por conta até de nossa resistência natural em aceitar o ‘não saber nada’; mas, e daí? Qual o motivo da pressa? Será que não conseguimos nos alegrar com os pequenos progressos? Não será motivo de satisfação aprender mais um traço e evoluir? Não é, agora, o tempo de dispor do próprio tempo, sem nos recriminarmos, e pouco se importar com os olhares externos?

Talvez, seja o tempo de corrigir o que deveríamos, durante a nossa vida, ter nos dedicado, mesmo que em menor tempo, ao que nos desse prazer e vontade de realizar; mas que, por circunstâncias diversas, deixamos de fazer. Então, encare como postergação da realização de um sonho.

Tenho refletido sobre isso, e procurado realizar alguns desses sonhos que ficaram, no passado, sem concretizá-los para, não repare no exagero, não partir deste mundo com a frustração de não tê-los realizado. Conheci alguns lugares, aprendi e estudei – descompromissadamente – sobre algumas coisas que tinha interesse, e estou a visitar os antigos colegas e amigos, desejo que tenho, há anos, para revê-los e afirmar que estamos “Vivos, Vivos, Vivos”!

Joseilda, ao ouvir o amigo, confessou-lhe que sempre que passava em frente a uma escola de desenho artístico e pintura, que era o seu trajeto para a escola, onde dava aulas, parava um pouco para ler a publicidade e, agora, se recordava que andava, na calçada, a se virar para trás e olhar para a placa. Nunca teve coragem de entrar; mas, agora, encorajada pelo amigo, talvez, quem sabe...

Epaminondas disse que tinha certeza de que a amiga iria se matricular na escola de desenhos, e aproveitou para comentar que, mesmo com o curso, ainda lhe sobraria

um tempo, assim, bem que ela poderia ministrar aulas de Matemática, uma vez por semana, em uma instituição que atendia alunos que estudavam na escola regular em um horário e, em outro, iam para a instituição onde recebiam algumas aulas de reforço. O professor de Matemática, que lá colaborava, estava de saída por mudança para outra cidade. “Essa instituição conta com a colaboração da nossa ex-colega, a Benigna, não sei se você lembra-se dela pelo nome. Mas, caso você decida participar dessa ação, será uma grande ajuda, além da oportunidade de reencontrá-la”, complementou ele.

A professora disse que não se recordava da Benigna; porém, aceitava de bom grado ministrar as aulas. Quanto à sugestão de matricular-se na escola de desenho, não garantia, mas disse que iria ponderar.

Por fim, Joseilda continua ministrando as aulas de Matemática, uma vez por semana, na instituição, organizou uma olimpíada de Matemática, nas escolas, e matriculou-se na escola de desenhos que frequenta, duas vezes por semana, e já faz alguns desenhos até que razoáveis.



Capítulo 12

1 - O mestre de obras violinista

Mais um sonho que ficou para trás foi o confidenciado ao Epaminondas pelo Albertânio. Ele, quando concluiu o segundo grau, trabalhava de pedreiro, profissão que aprendeu com o pai. Com o conhecimento que possuía, fez um curso técnico em edificações e tornou-se mestre de obras.

Já tinha tempo de contribuição suficiente, mas postergou a aposentadoria a pedido de engenheiros da empresa; além disso, gostava da profissão.

Tinha intenção de aprender a tocar violino, quando parasse de trabalhar; mas, como a aposentadora demorou mais do que o previsto, desistiu da ideia. Chegou até a consultar um professor que dava aulas em uma casa na sua rua. Empolgou-se tanto, que comprou um belo violino que está guardado em cima do guarda-roupa e, de vez em quando, ele o apanha para admirá-lo.

Epaminondas pediu que lhe mostrasse o violino, e Albertânio não hesitou em pegá-lo. Abriu, cuidadosamente, a caixa e, orgulhoso, exibiu o instrumento ao amigo:

- Veja, que magnífico!

- Realmente, muito bonito. Amigo, veja: tens um belo violino, um professor perto de sua casa, um desejo ainda latente de aprender a tocar. O que te faltas, afinal? Coragem? Ou alguém que te pegue nas mãos para levar-te à escola? Se for isto, podes contar comigo – disse Epaminondas, a gargalhar.

Albertânio contou que o amor pelo violino vinha

desde o tempo de menino, quando frequentava a casa de um colega que brincavam juntos. Sempre que ia lá, assistia a avó do amigo tocando violino. E, não poucas vezes, interrompeu a brincadeira para admirá-la a tocar. O amigo – para se gabar – nunca soube se era verdade, dizia que a avó ensaiava, diariamente, por horas, porque participava de uma grande orquestra. “Naquele tempo, as crianças eram mais acanhadas, e eu ficava a olhar meio de longe, ressabiado, sem coragem de perguntar ou falar alguma coisa”.

Epaminondas encaminhou a conversa para o professor, questionando sobre o curso, à distância até a escola; até que, por fim, pediu-lhe que fosse com ele até lá, pois ficou curioso e gostaria de conhecer o professor para sanar algumas dúvidas que ele possuía sobre violino. Albertânio ficou indeciso; mas, diante da insistência de Epaminondas, cedeu.

O professor, muito simpático, pacientemente, respondeu às perguntas de Epaminondas, e explicou como era o seu método de ensino. O aluno teria que decorar as posições, pelas notas vez que usava partitura, e não ‘tablatura’.

- Como vê, amigo, terá que estudar em casa teoria e prática, antes de vir para as aulas com o professor. Mas, isso você tira de letra, pois sempre foi bom aluno.

- Eu? – assustou-se, Albertânio.

O fato o é que eles saíram da casa do professor com a matrícula efetuada e, tempos depois, ao retornar para visitar o amigo, Epaminondas assistiu a uma exibição de Albertânio tocando algumas músicas, de poucas notas, com o seu precioso violino.



Capítulo 13

1 - Retomando a conversa com Jordão

- Pois bem, amigo, além desses relatos que você ouviu sobre os encontros que tive, e que pude narrar com mais detalhes, também visitei vários outros dos nossos ex-colegas. Alguns se tornaram professores, advogados, contadores, programadores, operários de fábrica, vendedores, donas de casa etc. Mas, o certo é que quase todos tinham algum sonho de infância, adolescência ou até de adultos mesmo que, por uma razão ou outra, não puderam realizar. Muitos estavam sem nada a fazer, apenas esperando o tempo passar. Uns refletiram sobre a possibilidade de mesmo – tardiamente – realizar os desejos e vontades de projetos existenciais que os fariam sentirem-se mais completos e felizes. Outros que poderiam sentir-se bem, contribuindo com trabalhos filantrópicos, ajudando pessoas desconhecidas sem querer nada em troca. Alguns pensaram e aceitaram as sugestões, outros não. Todavia, o que é certo é que, retornando em visitas, os que foram pelo caminho da mudança, desafiando-se, estavam mais dispostos e até entusiasmados. O nosso ex-colega Albertânio, talvez não se torne um exímio violinista, tocando para grandes plateias, mas está feliz com o que já consegue tocar e não carrega a frustração de não saber nem afinar um violino. A felicidade do Evangivaldo, ao ver o muro da escola customizado com sua arte, a alegria dos estudantes que participaram do trabalho, os abraços e agradecimentos recebidos. Tudo isso é contagiante e estimula a viver mais e feliz. – ponderou Epaminondas.

- Amigo, se procede o que você diz, tu estás revivendo

vidas. É como cuidar de uma planta que está definhando e fazê-la reviver.

Pensando bem, ter objetivos e expectativa de realizá-los, por menores que sejam, traz sentido à vida. Ser útil e ter uma atividade prazerosa, também. Entretanto, a vida não é fácil e do jeito que se planeja – disse Jordão.

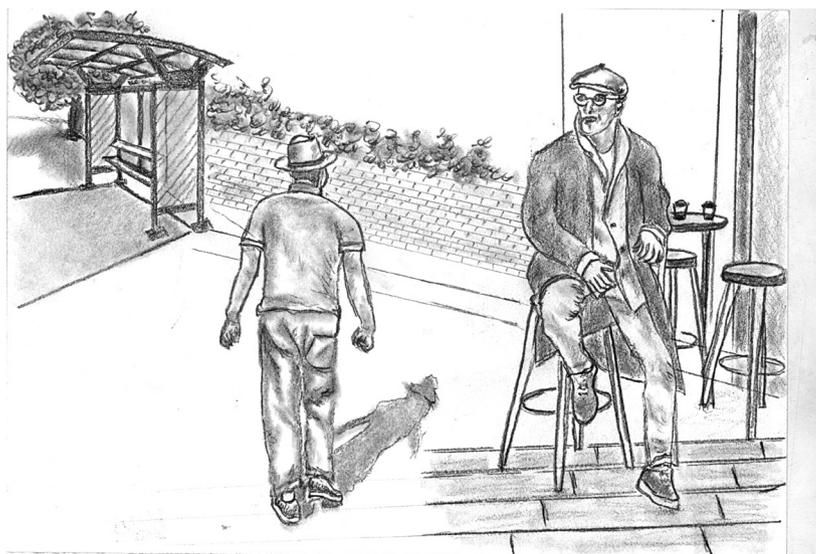
- Sim, é verdade. Alguns poderão e outros não, mas não podemos deixar de tentar. Lembro-me, perfeitamente, de quando eu ainda trabalhava e fiquei sabendo que um colega, mais idoso, estava prestes a se aposentar, algo nos enchia de inveja. Por quê? Pelo fato de repetir, insistentemente, que logo estaria sem nada para fazer e, assim, contava os meses e, a seguir, os dias que faltavam para completar o tempo e, então, finalmente, nos dizer adeus. Passado um ano de sua saída, encontrei-me com ele, e já não tinha toda aquela alegria e dizia-se arrependido da aposentadoria e de ter todo o tempo livre. Aquilo me impressionou e recordei-me, anos depois, quando já pronto para me aposentar, que aquele meu colega não tinha nenhum propósito nem objetivos. Queria, simplesmente, ficar sem nada a fazer. Talvez, tenha sido esse o seu erro.

Nessas minhas visitas, observei que alguns se enchem de obrigações desnecessárias, trazem para si preocupações que não são suas, como se fossem viver eternamente ou levar os recursos obtidos quando partirem. Não lhes sobram tempo para conviver com filhos, netos, família e amigos ou satisfazer-se a si. Outros vivem na inércia pela falta de motivação ou medo. Abandonam o que faziam e deixam de buscar a realização de vontades. Claro que encontrei alguns que apenas ouvi que estavam em busca de novas descobertas e fazendo o que lhes agradavam. Ótimo! E, nós, amigo? Qual desses somos nós? – perguntou Epaminondas.

- Amigo, Epaminondas, está a escurecer e tenho

que me ir. Vou refletir sobre a nossa conversa e, então, marcaremos um novo encontro. Nessa ocasião, com certeza, revelarei em qual das situações, citadas por você, encontrarme, atualmente, e se nela permanecerei ou se pedirei a você alguma sugestão. – respondeu Jordão, levantando-se.

Despediram-se e, enquanto Jordão caminhava em direção ao ponto de ônibus, Epaminondas ficou a pensar se o amigo ligaria ou não para um novo encontro.



**Conheça nossos projetos de leitura no site:
www.projetosdeleitura.com.br**

**E-mail:
contato@projetosdeleitura.com.br**

**WhatsApp:
(11) 95272-9775**

**Contato com o autor:
laedesouza@projetosdeleitura.com.br**



Epaminondas, octogenário, procura na Internet e redes sociais por ex-colegas de infância e adolescência, marcando encontros para um bate-papo sobre o que fizeram da vida e, ainda, fazem, incentivando alguns a se desafiarem, novamente, dedicando-se a atividades prazerosas ou a realizarem desejos que ficaram para trás.

Numa narrativa agradável, o autor aborda, de forma sutil, *bullying*, solidariedade, satisfação pessoal e participação dos idosos na sociedade.

Uma leitura que convida a jovens e idosos a refletirem!



**Lei de
Incentivo
à Cultura**
Lei Rouanet

MINISTÉRIO DA
CULTURA



projetosdeleitura.com.br